



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

12 DE MARÇO
HOTEL TEQUENDAMA
BOGOTÁ — COLÔMBIA

DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO AO PRESIDENTE DA RE-
PÚBLICA DA COLÔMBIA, SENHOR
JÚLIO CÉSAR DE TURBAY AYALA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
da Colômbia, Júlio César de Turbay Ayala:

Ao ver aproximar-se o momento da partida, desejo expressar meu agradecimento pela hospitalidade e o carinho de que fomos rodeados — minha mulher, minha comitiva e eu próprio — a partir do momento em que pisamos terra colombiana.

Visitar a Colômbia significa, para um brasileiro, recordar a luta pela independência política da América Latina, que aqui teve um de seus mais importantes centros de coordenação.

Significa também lembrar o ideário bolivariano de união americana: «Façam — disse o Libertador — que o amor ligue com laço universal os filhos do Hemisfério de Colombo, e que o ódio, a vingança e a guerra se afastem do nosso seio».

Ao longo de nossa história comum, criamos sentimentos de igualdade e de respeito. Criamos, ao mesmo tempo, ideais comuns, latino-americanos, de realização política e de realização social. Sobre esses ideais é que eu gostaria de falar. Sei que minhas palavras encontrarão fraterna audiência. Sei que minhas palavras vão soar como assunto de família, de irmãos.

Senhor Presidente,

Uma parcela da grandeza latino-americana, do convívio internacional entre nossos povos estará, sem dúvida, na generosidade com que formularam seus anseios.

Neste momento de dificuldades de todo tipo, temos que recorrer unidos às nossas aspirações, às nossas metas e esperanças.

Pela coragem, manter-nos-emos fiéis aos ideais que nos legaram os próceres latinos-americanos. Pelo compromisso com a igualdade e pela disposição inabalável para o trabalho, alcançaremos a justiça social e a equidade. As fórmulas simples e repetitivas já não têm o condão de fazer com que a vida democrática seja acompanhada de progresso e de bem-estar para todos.

No Brasil, sofremos os efeitos da crise econômica mundial e vamos enfrentando as dificuldades com otimismo, mas conscientes de que ela exige soluções globais. Teremos, porém, muito que trabalhar em cada um de nossos países, e na dimensão regional certamente poderemos esforçar-nos mais do que temos feito.

Creio ser conveniente e necessário dedicar-nos a uma reflexão séria na busca de fórmulas viáveis de integração, de desenvolvimento dos mecanismos sub-regionais, de instrumentos de trabalho comum. Não devemos, contudo, ficar apenas nesse plano.

A América Latina soube construir esperanças e ideais de progresso. Jamais nos furtamos a apontar fórmulas concretas de aperfeiçoamento da ordem econômica entre as nações. Ao contrário, temos sido invariavelmente vanguardeiros no diagnóstico das precariedades do sistema, na proposta de renovação, na indicação do caminho da negociação.

Mais do que nunca, devemos combinar a capacidade de diagnóstico e a de aglutinação política. Como parte do mundo em desenvolvimento, no âmbito dos 77, devemos ter posições ativas, renovadoras e ousadas, mas realistas, para que o processo de negociação Norte-Sul, marcado por conferências importantes nos próximos meses, deixe de causar frustração.

São demasiado graves as dificuldades econômicas para que adie, uma vez mais, a tentativa séria de um encontro de posições comuns.

O diálogo Norte-Sul nunca pretendeu estruturar-se a partir da caridade ou generosidade do Norte; mas, hoje, palpavelmente, obviamente, as linhas que apontam para a negociação e a conciliação de interesses estão claras.

No Norte, faltam, contudo, vontade política e sensibilidade para que o processo se desencadeie plenamente.

Em contrapartida, ressurgem fórmulas que buscam renovar o egoísmo nacional como solução para a crise. As conseqüências econômicas dessa atitude, certamente danosas, irão reproduzir as dificuldades econômicas que vivemos. Suas implicações políticas serão, sem dúvida, desastrosas para o sistema internacional, especialmente para os laços de confiança que cabe restaurar entre o Mundo Ocidental e o Terceiro Mundo.

Outra lição que nossa presença latino-americana nos ensina, e que compartilhamos com os colombianos, é a da fidelidade aos princípios da boa convivência internacional.

Em situações de crise, em momentos de tensão e conflito, certificamo-nos de que estão vivas as bases jurídicas de nosso convívio. Aprendemos que, em situações extremas, a sabedoria política exige níveis inéditos de tolerância. Aprendemos que a tolerância e a moderação não trazem frutos amargos e são demonstração irretorquível de fidelidade ao verdadeiro ideal de democracia.

Senhor Presidente,

A paz e a harmonia são os verdadeiros modos de ser latino-americanos, que têm superado, em sua história política, as formas envelhecidas e precárias dos equilíbrios de poder e hegemonias.

Não nos devemos medir, em nossa vida regional, pelos graus de poder, mas pelas possibilidades de cooperação que a geografia combinada com problemas comuns e idéias compartilhadas abrem a nossos povos.

A verdadeira paz e a boa harmonia repelem patrocinadores e orientadores.

Devem nascer da ação conjugada entre iguais, a partir do respeito mútuo, da consideração plena pela autodeterminação dos povos, da adesão firme aos mecanismos de solução pacífica, sem intervenções de preceptores.

Devem provir de esforço latino-americano próprio; temos tradição para tanto, temos bons princípios e bons instrumentos de convivência diplomática.

Senhor Presidente,

Foi essa tendência profunda que presidiu às conversações por nós mantidas e à redação dos documentos que hoje firmamos, em especial do Tratado de Amizade e Cooperação que pretende oferecer amplo lastro jurídico ao incremento das relações entre Brasil e Colômbia.

É essa vocação para a permanente ajuda mútua que espero ver reforçada com a minha visita a Bogotá, a qual deverá marcar o início de nova fase de nossas relações, de etapa que venha a caracterizar-se por um intercâmbio cada vez mais frutífero e por uma amizade ainda mais sólida.

Esse desejo me inspira a propor, com a mais viva gratidão, um brinde ao desenvolvimento das relações entre a Colômbia e o Brasil, à prosperidade da nação colombiana e à felicidade pessoal do Senhor Presidente e Senhora de Turbay Ayala.

Como expressão adicional do sentimento que me trouxe a Bogotá e como prova do reconhecimento de suas qualidades pessoais e de estadista, e do muito que já realizou pelo desenvolvimento das relações entre os nossos dois países, permita-me Vossa Excelência impor-lhe, neste momento, as insígnias da mais alta honorífica concedida pelo Brasil, o grande colar da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, que lhe outorga o Governo da República Federativa do Brasil.

Senhor Presidente,

Não lhe falo somente como Presidente do Brasil. Quero agora, movido pela emoção que sinto ao largo de minha visita, falar-lhe em caráter pessoal, como amigo sincero e leal da Colômbia e seu.

Falo agora como homem que traz em suas palavras a sinceridade do soldado, a humildade do cristão e um pouco da sensibilidade do brasileiro. Um homem de colocar a sua alma pela boca. Desde o primeiro momento em que tivemos a oportunidade de dialogar, senti a impressão de estar na presença de um velho amigo.

O senti porque reconheço em Vossa Excelência a generosidade de seu espírito e o espontâneo e genuíno afeto que tem pelo meu País e meu povo. Encontrei um Júlio César Turbay Ayala um homem a meu gosto. Um homem com quem se pode falar. Um homem que, a despeito de sua alta posição, continua sendo um homem que todos procuramos incessantemente como amigo. O símbolo do homem da Colômbia.

A essas qualidades pessoais que o distinguem se devem as expressões agradáveis com que me honrou Vossa Excelência. Da mesma forma, as palavras com que Vossa Excelência colocou em relevo o papel do meu País no Continente se inspiram visivelmente na amizade e no carinho. Essas manifestações comoveram profundamente a mim e a todos os brasileiros.

De nossa parte, o único afã que nos move a contribuir para que a América Latina seja cada vez mais o resultado de um esforço de todos, com participação igual de cada de nossos países. A proposta que trago, em diálogo permanente com os meus irmãos latino-americanos, é de igualdade, de colaboração, de fraternidade.

Recebi ontem de suas mãos, com um nobre gesto de amizade latino-americana, o Grande Colar da Ordem de Boyacá. Não poderia ser mais profunda a minha emoção. Recebi a Ordem que foi criada pelo Libertador. Quem serviu de modelo nas lições de patriotismo e civismo que recebi na casa paterna.

Bolívar permanece vivo em nossa recordação e em nosso afeto. Suas exortações à unidade e a solidariedade da América Latina são tão válidas, hoje, como no momento em que foram formuladas.

Minha admiração por Bolívar, como estadista, militar e libertador de povos, me anima ao entendimento e a tratar com a Colômbia e com os países irmãos da América Latina.

Quero expressar-lhe nesse momento que o esforço pessoal, a inteligência criativa, e a visão de homem de Estado de Vossa Excelência foram os fatores que asseguraram o pleno êxito desta visita.

Com este testemunho de justiça e gratidão, desejo, Senhor Presidente, reafirmar minha convicção de que temos trabalhado para criação do futuro, para o fortalecimento crescente da fraterna amizade que nos une os povos da Colômbia e do Brasil.

Muito obrigado.